



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

AS IMPLICAÇÕES DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO E SEU CONTRIBUTO SOBRE A DINÂMICA POPULACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA E PORTUGUESA

Andréia Barroso Figueiredo Maciel
CIDEHUS. Universidade de Évora
deiabarroso@hotmail.com

Maria Filomena Mendes
CIDEHUS. Universidade de Évora
mmendes@uevora.pt

José Rebelo dos Santos
ESCE - Instituto Politécnico de Setúbal
jrebelo@esce.ips.pt

Introdução

O declínio e a manutenção da fecundidade em níveis inferiores à reposição geracional originaram a reflexão de uma segunda transição demográfica conforme propôs Lesthaeghe e Van de Kaa (Van de Kaa, 2002). Nos países desenvolvidos onde são bastante reduzidos os níveis da fecundidade e elevados os níveis de envelhecimento populacional, a imigração tem revelado um papel importante sobre sua dinâmica populacional, suscitando a ideia, entre autores como Coleman (2006), da ocorrência de uma terceira transição demográfica. Portugal insere-se neste quadro, tendo deixado de garantir a renovação geracional desde a década de 1980, sendo que seu crescimento populacional vem sendo determinado “quase exclusivamente pelo saldo migratório dado que o saldo natural observado é diminuto” (Carrilho, 2010:135).

O país, tradicionalmente de emigração passa a ser também, principalmente após sua adesão à União Europeia, um país de imigração, passando a experimentar fluxos imigratórios cada vez mais intensos. Conforme os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteira (SEF) entre 1980 e 2009 a população estrangeira residente em Portugal passou de 50750 indivíduos para 451752, maioria em idade activa. Entre estes, os nacionais do Brasil respondem por cerca de 25%. Dado o peso significativo que a imigração brasileira passa a ter na sociedade portuguesa, nosso objectivo será desenvolver algumas reflexões acerca de sua importância e possível conduta num futuro próximo, mormente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

quando analisado sob a óptica das agudas crises conjunturais, de empregabilidade e das perspectivas de crescimento económico em ambos os países. Se o movimento migratório vem se operando dos países mais pobres com mercados de trabalho saturados para os países mais ricos, as recentes crises económicas e de empregabilidade em Portugal associadas às projecções de crescimento económico para o Brasil, não farão com que este primeiro deixe de ser atractivo para os imigrantes brasileiros, mormente para os mais qualificados? Será que os brasileiros tenderão a reduzir de forma substancial sua participação no cômputo da imigração total portuguesa? Se o crescimento populacional propiciado pela transição demográfica foi um poderoso estímulo para a migração, o fato deste vir reduzindo no Brasil – cuja fecundidade já é inferior à renovação geracional com projecções de crescimento negativo para um futuro não muito distante - associado ao acentuado processo de envelhecimento demográfico que em teoria representa menor pressão para geração de novos empregos já que sua população em idade activa se reduzirá substancialmente, não acena para a redução da emigração brasileira?

A nível metodológico utilizar-se-á estatística descritiva, com cálculos de indicadores demográficos, a partir de dados obtidos através do Instituto Nacional de Estatística (INE), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), EUROSTAT, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Esperamos que, “As implicações do movimento migratório e seu contributo sobre a dinâmica populacional da sociedade brasileira e portuguesa” constitua para além de um instrumento de trabalho, uma questão de reflexão no debate sobre a imigração.

Revisão bibliográfica

Transição demográfica e declínio da fecundidade

O aparecimento da demografia no século XVII, com raízes na ascensão da realidade moderna fixa-se como um relevante marco na análise das populações humanas e sobre sua dinâmica, tornando-as objecto do conhecimento científico. A partir das tábuas de mortalidade do inglês John Graunt, a demografia define-se como ciência que aspira não só conhecer “o presente e o passado, mas também a aventurar-se na prospecção do

futuro. É esta ambição prospectiva que vai accionar a formulação de teorias universais da população, de que são principais expressões o malthusianismo e a teoria da transição demográfica” (Bandeira, 1996:8).

A teoria da transição demográfica representou uma das primeiras tentativas teóricas erigidas para compreender a redução das taxas de mortalidade e fecundidade, tendo sido descrita primeiramente por Thompson em 1929 e adquirido com Notestein (1945) uma ideia evolucionista, com a edificação de três padrões de crescimento demográfico (Bandeira, 1996:12 baseados no comportamento da natalidade e da mortalidade, e cada um destes padrões correspondia a um estágio de desenvolvimento (estádio potencial de alto crescimento, estágio de crescimento transicional e estágio de declínio incipiente) que articulados entre si convergem na denominada transição demográfica. Todavia, essa descrição esquemática da clássica teoria da transição demográfica por ser genérica torna-se insuficiente para explicar as múltiplas experiências concretas contemporâneas. Assim, “ao invés de uma teoria, temos, então, diversas abordagens que utilizam instrumentos teóricos das diversas ciências sociais e que consideram a interrelação entre dinâmica demográfica e as condições econômicas, políticas e culturais da sociedade” (Alves, 1994:11). A queda da fecundidade e sua persistência em níveis inferiores à reposição geracional suscitou a reflexão, como o indicou Van de Kaa (2002), de uma segunda transição demográfica, e actualmente alguns autores como Coleman (2006) já sugerem a ocorrência de uma terceira transição demográfica.

As componentes demográficas centrais na determinação do crescimento populacional são os padrões da fecundidade, da mortalidade e os movimentos migratórios. Geralmente os padrões da fecundidade configuram como sendo o elemento principal desta determinação. Contudo, nos países desenvolvidos devido ao nível da fecundidade já bastante reduzido, o peso desta componente tende a declinar em função do aumento da importância que os movimentos migratórios passam a assumir. O mesmo pode-se dizer da mortalidade infantil, uma vez que já foram atingidos níveis extremamente baixos. Os ganhos nesta componente passam a concentrar-se sobretudo nas idades mais avançadas: no alongamento da longevidade devido a ampliação da esperança de vida.

A conjugação da insistente baixa fecundidade sem mostrar firmes vestígios de reversão, o aumento da esperança de vida, o gradativo envelhecimento populacional e a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

desaceleração do crescimento demográfico, tem destacado o importante papel da imigração sobre a dinâmica populacional do mundo desenvolvido. Coleman (2006) e Coleman e Scherbov (2005) sugere inclusive que esta componente - nomeadamente a imigração de pessoas oriundas dos países subdesenvolvidos, cuja estrutura etária tende a ser jovem e sua taxa de fecundidade superior ao dos países de destino, ainda que estas distorções sejam transitórias – seja a força motriz do crescimento populacional nos países desenvolvidos, inclusive com maior peso demográfico que a fecundidade.

Na Finlândia, por exemplo – cuja taxa de fecundidade é das maiores da Europa, Söderling (2010:1) refere que desde 2007 o crescimento populacional do país tem sido mais dependente da imigração que do crescimento natural. Nos países onde a baixa fecundidade tem se mostrado perseverante, diversos autores como Coleman e Scherbov (2005), Coleman (2006), Wildasin (2008), e Carrilho (2010) entre outros, também enfatizam que o diminuto crescimento populacional é antes de tudo fruto de um saldo migratório positivo. O contributo da população imigrante nestes países tem sido de tal maneira marcante que Wildasin (2008:5) aponta que mesmo se os fluxos da imigração irrealisticamente caíssem para zero, os descendentes imediatos da população nascida no estrangeiro ainda constituiria uma fracção crescente da população da Europa Ocidental por várias décadas, “devido o crescimento natural destas populações ao longo de várias gerações” (Coleman e Scherbov, 2005:1).

Conforme Coleman (2006), as populações mistas além de apontar para uma maior diversidade étnica e racial indicam que o processo é irreversível. Para Giddens (2003:29) estamos vivendo numa sociedade cosmopolita global cujos contornos só podemos perceber ainda indistintamente, pois trata-se de uma ordem global que emerge de forma anárquica e fortuita, trazida por uma mistura de influências. Com a globalização as distâncias se encurtaram em decorrência das tecnologias da comunicação e dos transportes. A imigração insere-se neste contexto e as populações deixam de ser unidades coesas e homogêneas para se transformarem gradativamente em fracções de uma imensa aldeia global.

Portugal, a exemplo dos demais países da Europa do Sul cujos ISF são dos menores da Europa Ocidental, já há algum tempo se debate com um persistente quadro de défice da



fecundidade, o que conduziu o país “a uma situação demográfica impossível de reverter” (Mendes e Rego, 2006:2). Segundo os dados do INE, desde a década de 1980 este país deixou de apresentar a fecundidade necessária para a reposição geracional, e mais grave, seu ISF continua a apresentar sucessivas quedas, tendo em 2009 apresentado o modesto nível de 1,32 filhos por mulher. Segundo Coleman (2010:14) a persistente taxa de fecundidade muito baixa parece susceptível de provocar futuramente insuperáveis escassez de trabalhadores que só a imigração pode resolver, mesmo se que a fecundidade venha se recuperar. É neste contexto que a imigração assume uma importância salutar nos padrões de crescimento demográfico, bem como uma forma de garantir a manutenção produtiva e económica e o sistema de bem-estar social deste país.

Migração

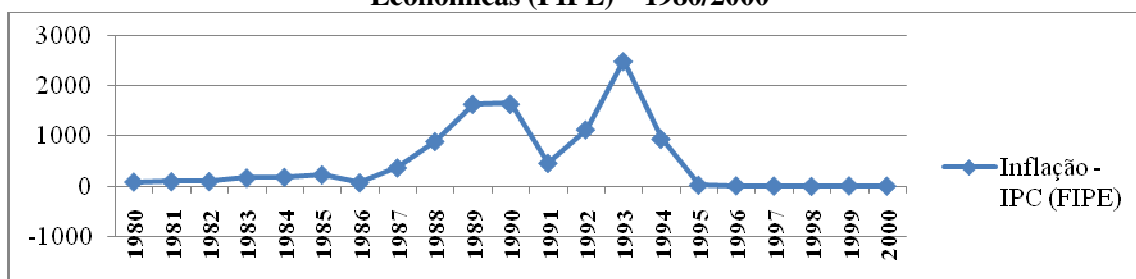
“Para muitas pessoas emigrar é uma alternativa individual supostamente com melhores perspectivas. Ao mesmo tempo a perda de mão-de-obra qualificada – fuga de cérebro – pode comprometer o desenvolvimento” (Pereira, 2010: 4) dos países de origem, pois como aponta Chiswick e Hatton (2002:47), “durante as últimas décadas, os países que recebem imigrantes têm dado maior preferência para os imigrantes altamente qualificados e dificultado a imigração legal dos trabalhadores menos qualificados”, o que para os países “provedores” representaria a “fuga de cérebros”. Para estes autores enquanto não houver uma substancial convergência, tanto nos países de origem como de destino, nos rendimentos dos trabalhadores mais qualificados haverá pressão para a ocorrência de imigração dos países mais pobres para os mais ricos - onde seu reduzido crescimento populacional, associado ao aumento da longevidade pode salientar essa demanda. O poder de atractividade de imigrantes para uma determinada região, como aponta Wildasin (2008:3), depende muito das condições demográficas em relação às demais partes do mundo. Contudo, “se é verdade que são os países mais desenvolvidos que apresentam maior capacidade de atracção, estes nem sempre se apresentam com a mesma capacidade de integração” (Egreja e Oliveira, 2008:3).

Para além do facto de a maioria dos imigrantes serem mais jovens do que as populações nativas e as suas taxas de fecundidade muitas vezes superiores à média dos países de acolhimento, até que estejam integrados nestes (Wildasin, 2008:4), no caso feminino

este aspecto significa que as mulheres imigrantes encontram-se na fase fecunda e conforme destacou Carrilho (2005:15) “o efeito das migrações sobre a dinâmica da população futura não se cinge apenas ao número de fluxos entrados, mas também ao número de filhos nascidos após a sua chegada ao país de acolhimento”.

Portugal foi tradicionalmente um país de emigração e ainda o é, tendo passado a ser, principalmente a partir de sua inclusão na União Europeia, também um país de imigração, quando passou a experimentar fluxos imigratórios cada vez maiores. Conforme os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteira (SEF)¹ entre 1980 e 2009 a população estrangeira residente em Portugal aumentou quase nove vezes, passando de 50.750 indivíduos para 451.752. Segundo Norte et al (2004:7), no processo de imigração no território português distinguem-se diferentes fases. Da primeira fase fazem parte os estrangeiros dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP's), principalmente após a revolução de 25 de Abril de 1974, e da subsequente independência dos países africanos de língua portuguesa, quando “assiste-se então, ao regresso massivo de cidadãos provenientes daqueles territórios, quer originários da então metrópole, quer ali nascidos” (SEF, 2009:14). Na segunda metade dos anos de 1980, observa-se a segunda vaga migratória com a abertura a outras nacionalidades nomeadamente a brasileira, e nos anos mais recentes esta abertura estendeu-se aos Países Europeus de Leste.

Figura 1 - Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) – 1980/2000



Fonte: Elaborada a partir dos dados do Ipeadata – <http://www.ipeadata.gov.br>

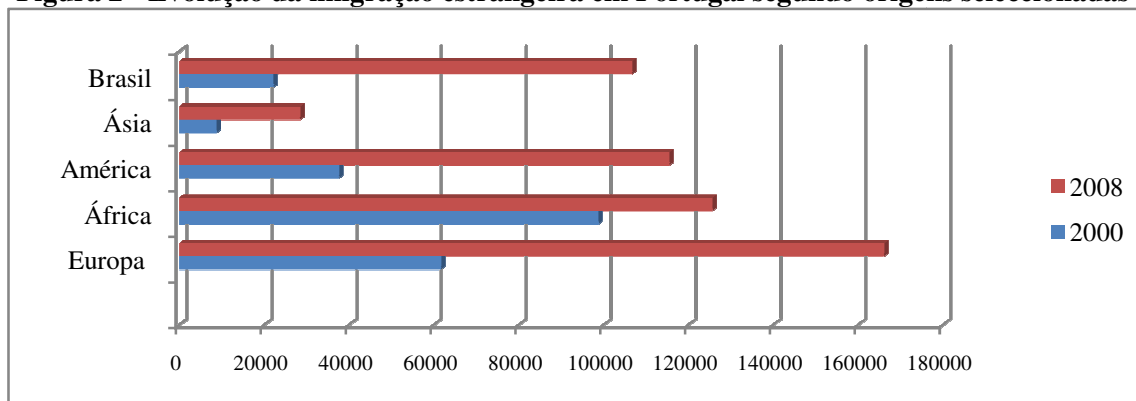
O processo de imigração brasileira em território português torna-se significativo a partir do final dos anos de 1980. Sem dúvida que as relações históricas, a proximidade cultural e a língua tiveram aí grande influência. Para os brasileiros Portugal representava a Europa desenvolvida que falava sua língua. Durante essa segunda vaga

¹ Dados disponibilizados em <http://sefstat.sef.pt>

migratória para Portugal, o Brasil vivia uma situação de inércia económica, excessiva dívida externa e inflação galopante, o que fez com que os economistas denominassem os anos de 1980 como a “década perdida”. Segundo Pinheiro et al (1999:14) esta década “foi marcada pela estagnação do nível de atividade, por profundos desequilíbrios macroeconómicos e, em especial, pela hiperinflação virtual”. Como resultado, na primeira metade da década de 1990, o Brasil ainda conviveria com uma inflação elevada e crescente, défice fiscal e uma taxa de câmbio bastante desvalorizada, cuja diferença cambial (moedas europeias e dólar americano *versus* Real) beneficiava o envio de poupanças para o Brasil configurando-se como um factor de atracção dos brasileiros. Dos 400 inquiridos num estudo realizado pela Casa do Brasil em Lisboa, 62,3% afirma enviar poupanças para o Brasil. O cenário de inflação crónica no Brasil duraria até 1994, data da implementação do Plano Real (conforme figura1).

Para Bógus (2007:43-44) a emigração brasileira é explicada pela falta de oportunidades no mercado de trabalho brasileiro marcado pela crescente informalidade bem como pelos baixos salários, onde os “mais afectados são os jovens com maiores níveis de escolaridade, os quais nos países de destino acabam por inserir-se, geralmente, em actividades bem aquém de sua qualificação profissional”. Os inquiridos do estudo realizado pela Casa do Brasil em Lisboa (2007:233) confirmam esta tendência de mobilidade descendente em termos de qualificações e prestígio social das actividades por eles desempenhadas em Portugal relativamente às que desempenhavam no Brasil. Quanto aos motivos alegados entre os inquiridos para justificarem a emigração destacam-se os baixos salários (54,5%) e o desemprego no Brasil (25%), o que para o estudo evidencia a motivação essencialmente económica desta vaga migratória.

Figura 2 - Evolução da imigração estrangeira em Portugal segundo origens seleccionadas



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do INE



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A figura 2 revela que a população imigrante que mais cresceu no horizonte temporal em questão foi a brasileira, tendo praticamente quintuplicado. Em 2000, a proporção de imigrantes brasileiros em Portugal era de 10,70% do total de imigrantes internacionais tendo em 2008 passado para cerca de 25%. A população de origem europeia embora seja maioria, apresentou apenas o 4º maior crescimento - com destaque para o aumento do número de originários da Europa de Leste, mormente da Ucrânia, da Roménia e da Moldávia - ficando atrás do Brasil, da Ásia e da América (cujo crescimento em grande parte deve-se à imigração brasileira que responde por 92% dos imigrantes originários deste continente). Em relação aos procedentes do continente africano, mesmo tendo a 2ª maior população de imigrantes, apresentou o mais reduzido crescimento entre 2000 e 2008. Assim, pode-se dizer que ao longo da primeira década do século XXI a comunidade estrangeira revela um sustentado crescimento, sobretudo os nacionais do Brasil, cuja comunidade estrangeira é a mais proeminente. Relativamente à distribuição territorial, a população estrangeira fixa-se principalmente nas áreas litorais, notoriamente em Lisboa, Faro e Setúbal, que como destacou Bento et al (2010), são as áreas onde se concentra parte significativa da actividade económica nacional.

De acordo com (Malheiros, 2007:32) a primeira vaga migratória de brasileiros em Portugal aconteceu entre meados dos anos 80 e finais dos anos 90 e incorpora uma elevada proporção de profissionais qualificados enquanto a segunda vaga - iniciada em 1998 - possui uma estrutura etária mais jovem que a anterior, provocando reflexos evidentes nas taxas de fecundidade portuguesas. Segundo a Casa do Brasil em Lisboa (2007:232), esta vaga é constituída por imigrantes bastante jovens (60% dos inquiridos tem menos de 31 anos e 75% idades entre 20 e 35 anos), sendo ainda eminentemente masculina. Quanto ao nível de instrução “a maioria dos inquiridos – 60% – completou o ensino secundário, e 7,3% dos inquiridos têm licenciatura no ensino superior”.

Embora o envelhecimento populacional persista, o saldo migratório positivo tem contribuído para atenuá-lo, pois os imigrantes tendem a ser relativamente jovens, portanto em idade reprodutiva, acarretando transferência de nascimentos para os países acolhedores. Contudo, seu nível de fecundidade superior “ocorre no período imediato à sua chegada ao país de acolhimento” (Carrilho, 2005:16), já que em geral, tende a convergir sobre a média nacional (Coleman e Scherbov, 2005), ou seja, tendem a



adaptar os padrões de fecundidade e mortalidade das sociedades de acolhimento, e “eles próprios envelhecem” (Carrilho, 2004:149). Seu efeito a longo prazo sugere depender fortemente da permanência destes ao longo das gerações vindouras (ver Quadro1).

Quadro 1 - População estrangeira residente em Portugal - Grandes grupos etários (2009)

	Sexo	Grupo Etário				Total
		0-19	20-39	40-64	65 e mais	
Total	HM	76.412	218.060	143.009	16.710	454.191
	H	39.542	108.982	77.608	8.280	234.412
	M	36.870	109.078	65.401	8.430	219.779

Fonte: Bento et al (2010:33)

Em todos os continentes ocorre uma sobrerrepresentação da população imigrante masculina, com excepção do americano em que as mulheres representam 55,01% do total de emigrantes. Situação idêntica se verifica entre os imigrantes brasileiros, onde as mulheres representam 55,20%. Quanto à idade, a pirâmide etária do Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2009, indica que quase 70% dos imigrantes têm idades entre 20 e 49 anos, com uma maior concentração de indivíduos de ambos os sexos entre os 20 a 39 anos de idade (48% do cômputo total) e uma proporção de apenas 3,67% de indivíduos com idade igual ou superior aos 65 anos, evidenciando assim, que possuem uma estrutura etária jovem e encontram-se em idade activa, o que contribui para atenuar o rácio de dependência idosa no país.

A população imigrante total na sociedade portuguesa é maioritariamente composta por homens, que em 2009² representavam 51,61% do total de imigrantes, e segundo Norte et al (2004:9) são predominantemente do tipo laboral. No caso brasileiro, Bógus (2007:44) aponta que do início de 1980 até 1999, predominavam entre os imigrantes brasileiros em Portugal profissionais das áreas de propaganda, marketing e odontologia, sendo que actualmente tem sido crescente o número daqueles que se inserem em trabalhos manuais, como pedreiros e marceneiros, além de trabalhadores nos ramos de comércio e serviços. De acordo com a amostra realizada pela Casa do Brasil em Lisboa (2007:240), 42,5% dos 400 inquiridos eram trabalhadores do comércio e restauração, enquanto trabalhadores administrativos, empresários, professores e quadros técnicos representavam juntos apenas 4,3% da amostra. Malheiros (2007:27) também mostra que houve substancial aumento do número de trabalhadores independentes e

² Dados disponíveis em <http://sefstat.sef.pt>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

semiquilificados da indústria e construção (variação de 16%), de trabalhadores não qualificados da indústria e construção e de empregados sem qualificações, enquanto entre os patrões e gestores de pequenas empresas e de grandes patrões e directores/gestores a variação foi negativa.

Tradicionalmente o movimento migratório internacional tem feito o caminho dos países mais pobres com mercados de trabalho saturados rumo aos países mais ricos, e como apontou Reher (2011:15), “o crescimento populacional propiciado pela transição demográfica foi um poderoso estímulo” para tal ocorrência, devido ao desequilíbrio entre a oferta e procura de trabalho. Neste âmbito importa reflectirmos acerca de algumas questões fundamentais: na medida em que o acentuado declínio da fecundidade deixou de ser prerrogativa apenas dos países desenvolvidos, os países “dadores” de imigrantes deverão em um futuro breve debater-se com os mesmos problemas já sentidos pelos países desenvolvidos, ou seja, dificuldades demográficas relacionadas com a redução do número da população em idade activa - que em teoria pode representar menor pressão para geração de novos empregos -, acentuado envelhecimento populacional e redução das taxas de crescimento demográfico - que, no caso do Brasil, acenam inclusive para serem negativas num futuro não muito distante, já que sua taxa de fecundidade se encontra abaixo do limiar de renovação das gerações. A International Organization for Migration (IOM, 2011:148), sugere inclusivamente que as alterações (redução) nas taxas de fecundidade dos países pobres pode se configurar como uma das razões para uma provável redução do fluxo migratório de pessoas originárias destes países em direcção aos países mais ricos. Estas questões nos levam a reflectir se a emigração de brasileiros com destino a Portugal não tenderá a se reduzir, principalmente considerando as graves crises de empregabilidade, com elevados índices de desemprego que fustigam inclusive a população nacional portuguesa. Bógus (2007:56) frisa que “apesar de Portugal registar uma população nacional envelhecida, a criação de novos postos de trabalho, sobretudo qualificados, tem sido insuficiente para atender à demanda dos mais jovens” e que “muitos dos jovens portugueses ainda deixam o País, sobretudo numa lógica de migração temporária, para tentar a inserção noutros mercados de trabalho”.



Segundo Norte et al (2004:14) “a decisão para migrar não contempla, pelo menos numa fase inicial, um desejo de viver permanentemente no país de destino, mas sim o desejo de melhorar as condições de vida para os membros da família que ficaram para trás (efeitos microeconómicos) e, mais tarde, voltar ao seu país de origem em condições económicas melhores, com possíveis efeitos macroeconómicos”. Mesmo as naturalizações, para a maior parte dos indivíduos, não envolvem a recusa da nacionalidade anterior como observou Coleman e Scherbov (2005:39), o que significa para muitos imigrantes a garantia da possibilidade de retorno ao país de origem assim que as conjunturas socioeconómicas forem mais favoráveis.

Quadro2 - Requerentes e utentes do programa de apoio ao retorno voluntário.

Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Total de embarcados	226	321	163	278	347	381
Embarcados Brasileiros	75	117	74	194	279	315

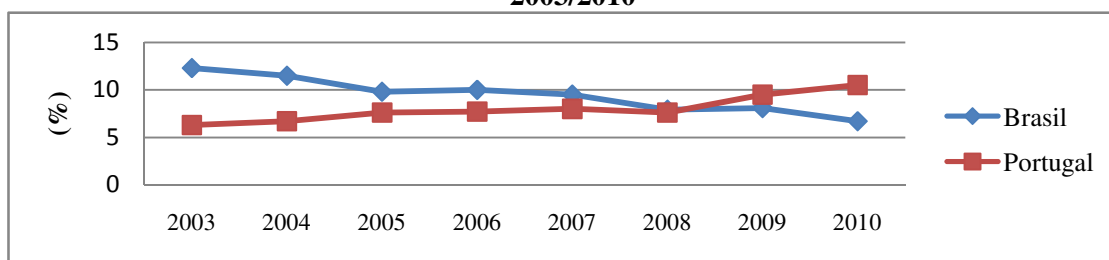
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do SEF (2009) e Bento et al (2010:73)

Observa-se crescente número de brasileiros que vêm fazendo uso do programa de retorno voluntário (ver Quadro 2). Em 2004, esta nacionalidade era responsável por cerca de 1/3 dos beneficiários, galgando para quase 83% dos assistidos pelo programa em 2009. Conforme o SEF (2009:40) “em termos de género, prevalece o masculino com cerca de dois terços dos utentes, valor este que se assinala constante ao longo do tempo. Em termos de qualificações, verifica-se um declínio do número de analfabetos e, sobretudo, de habilitados com o ensino técnico, em contraste com o crescimento das categorias que integram os utentes com o ensino básico e secundário”. Embora não faça parte do escopo deste trabalho, importa referir que a adesão dos países do Leste Europeu à Comunidade Económica Europeia poderá ter implicações sobre as tendências migratórias em Portugal, na medida em que novas oportunidades são criadas nestes países.

Segundo a Casa do Brasil em Lisboa (2007:238) entre os brasileiros que “afirmam não pensar fixar-se em Portugal (42,8%), 95% diz querer retornar ao Brasil (31,2% do total dos 400 inquiridos). Embora 40,5% afirme “de momento não pensar em voltar”, para 45% o objectivo é “voltar logo que consiga juntar umas poupanças”. Dos inquiridos, 13,5% pensa “só voltar quando o Brasil estiver em melhor situação económica”.



Figura 3 - Evolução da taxa média anual de desemprego no Brasil³ e em Portugal – 2003/2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE/Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE/PME) e do INE- Taxa média de desemprego (Série 1998 - %).

Segundo os dados do Eurostat⁴, Portugal em 2010 possuía a 4ª maior taxa de desemprego da Europa dos 15 (11%), perdendo apenas para Espanha (20,1%), Irlanda (13,7%) e Grécia (12,6%). Os dados do INE revelam que, desde 2001, o índice de desemprego vem demonstrando tendência crescente, tendo ganhado impulso adicional em 2008 devido ao início da actual crise. A análise do Boletim Mensal de Estatística do INE dá contas que apenas entre o 2º trimestre de 2009 – quando a taxa de desemprego era de 9,1% - e o 4º trimestre de 2010 – com uma taxa de desemprego de 11,1% - foram corroídos mais de 100 mil empregos. Do lado brasileiro, o Comunicado 89 do Ipea (2011) informou que expansão económica brasileira foi de 7,5% em 2010, tendo sido acompanhada da geração de 2,5 milhões de novos empregos formais. O Ipea estima que em 2011 a produção nacional aumente em cerca de 5%, e que a demanda global de mão-de-obra alcance a contratação de cerca 21 milhões de trabalhadores (1,7 milhões pela abertura de novos postos de trabalho e 19,3 milhões pelo preenchimento de postos vagos em função de demissões e dos que permanecem sem serem ocupados). Desta forma, enquanto se verifica aumento dos índices de desemprego na sociedade portuguesa, o contínuo crescimento da economia brasileira revela quedas substanciais nas taxas de desocupação de sua população (ver Figura 3).

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE/PME) de Março de 2011 houve substancial aumento dos trabalhadores com registo em todas as regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa e em todos os agrupamentos de actividades. Os maiores aumentos de 2003 a 2009 foram registados principalmente pelo sector de construção. A

³ Taxa Média Anual de Desemprego das pessoas de 10 anos ou mais de idade, das 6 Regiões Metropolitanas abrangidas pela PME: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

⁴ Dados disponíveis em <http://epp.eurostat.ec.europa.eu>



contrapartida foi uma considerável redução da proporção de trabalhadores sem registo, novamente liderada pelo sector de construção. O documento revela ainda que a taxa de desocupação do conjunto das seis regiões metropolitanas vem apresentando declínio desde 2002 – quando em Março era de 12,9% - até 2011 com um percentual de 6,5%.

Segundo os dados do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (2011: 24), em Janeiro de 2011 havia quase 40 mil estrangeiros desempregados em Portugal, enquanto em Janeiro de 2003 este número era pouco superior aos 15 mil. O documento revela também que em Julho de 2010 havia 7.844 brasileiros beneficiados pelo subsídio de desemprego, o que correspondia a 34% da população estrangeira beneficiária. Segundo a IOM (2011:61), as previsões económicas sugerem que países como o Brasil continuarão a ter um crescimento económico positivo, embora talvez com menores taxas de crescimento que as do passado recente, todavia com uma recuperação mais rápida que em muitos dos países de destino tradicional dos imigrantes, estreitando os diferenciais de rendimento e emprego entre os países, o que pode conduzir a que muitos trabalhadores especializados em sectores específicos optem por permanecer em seus países de origem ao invés de emigrar.

Num artigo intitulado “Brasileiros desistem de Portugal” a Associação Lusofonia, Cultura e Cidadania⁵ refere que o aumento do desemprego e do custo de vida em Portugal tem feito os brasileiros sonharem com a hipótese de retornar ao Brasil. Os dados da Casa do Brasil em Lisboa (2007:244) sobre a qualidade da habitação e ocupação dos tempos de lazer dos brasileiros residentes em Portugal pode ser mais um indicativo de sua imigração por razões de cunho maioritariamente económico. Entre os inquiridos, 44,5% referiram que a qualidade de sua habitação era melhor no Brasil que em Portugal, enquanto apenas 25,3% referiram que esta é melhor ou muito melhor – o que pode ser um indício de poupança para o retorno ao Brasil e um desejo de não despendem economias em um domicílio temporário. Quanto às ocupações dos tempos de lazer, 64,8% disseram que é pior e somente 17,8% referiram que é melhor ou muito melhor – o que pode indicar novamente que escusem despendem dinheiro e tempo em actividades de lazer, centrando suas energias apenas no âmbito laboral, num exercício de poupança para regressar ao país de origem.

⁵ Disponível em <http://www.lusofonia.com.pt>



Considerações finais

A imigração vem assumindo papel de relevo no crescimento populacional português, nomeadamente a de cidadãos brasileiros que a partir da década de 1980 intensifica-se e cujo peso no cômputo da imigração total atinge cerca de 25%. Contudo, ao longo dos últimos trinta anos, mormente no decurso da última década, verificaram-se alterações substanciais nos panoramas económicos tanto do Brasil quanto de Portugal. Do lado brasileiro, a economia vem revelando firmes sinais de crescimento económico e redução das taxas de desemprego, enquanto do lado português, o cenário tem sido mais desfavorável: desaceleração do crescimento económico e elevação do desemprego.

Se a emigração potencialmente representa perspectivas de melhores condições de vida e de melhores ganhos, a alteração dos panoramas económicos de ambos os países nos leva a crer, considerando toda a análise acima que há grandes possibilidades da imigração brasileira em Portugal se reduzir. Todavia, como observou Coleman (2010), ainda aguardamos dados para demonstrar o impacto total da crise sobre os fluxos migratórios. Quanto à questão se os nacionais do Brasil optarão pelo retorno a este país, possivelmente muitos emigrantes, principalmente os do tipo laboral, tenderão a fazê-lo como o mostram os crescentes números do programa de retorno voluntário e as observações da Casa do Brasil em Lisboa (2007) de que imigração brasileira tem sido movida por interesses de âmbito essencialmente económico. Contudo, outros poderão optar por permanecer em Portugal, devido ao peso de outros factores como os vínculos familiares aqui estabelecidos, como os casamentos entre cônjuges portugueses e brasileiros que, segundo Malheiros (2007: 30), foram os mais frequentes entre as uniões mistas, ao longo de toda a última década.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ana Nunes de; ANDRÉ, Isabel Margarida & LALANDA, Piedade (2002). «**Novos Padrões e Outros Cenários para a Fecundidade em Portugal**». *Análise Social*. Nº Especial «famílias», vol. XXXVII, nº 163, p. 371-409. Acedido em 21/06/2010. <http://analisesocial.ics.ul.pt>
- ALVES, José Eustáquio Diniz (1994). **Transição da fecundidade e relações de gênero no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Desenvolvimento e Planeamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, B. Horizonte. Acedido em 28/03/2010 <http://hdl.handle.net/1843/MCCR-7UWH66>
- COUTINHO, Laura. **Brasileiros desistem de Portugal**. Associação Lusofonia, Cultura e Cidadania. Acedido em 02/05/2011. <http://www.lusofonia.com.pt>
- BANDEIRA, Mário Leston (1996). **Teorias da população e modernidade: o caso português**. *Revista Análise Social*, vol. 135, nº1, p. 7-43. Acedido em 05/05/2010. <http://analisesocial.ics.ul.pt>



BENTO, Alexandra Ramos, MARTINS, Luís Azambuja, DIAS, Pedro, MACHADO, Rui, SOUSA, Pedro, FRANCISCO, Carla. ATAÍDE, João e TORRES, Maria José (coord.) 2010. **Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo – 2009**. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Acedido em 05/05/2011. <http://sefstat.sef.pt>

BÓGUS, Lúcia (2007). "Esperança Além-Mar: Portugal no Arquipélago Migratório Brasileiro", in Jorge Macísta Malheiros (org), *Imigração Brasileira em Portugal*. Coleção comunidades, 1, Lisboa: ACIDI. Acedido em 20/05/2011. <http://www.oi.acidi.gov.pt>

CARRILHO, Maria José (2010). **A situação demográfica recente em Portugal**. Revista de Estudos Demográficos, nº48, p.101-145.

CARRILHO, Maria José (2005). **Metodologias de cálculo das projecções demográficas: aplicação em Portugal**. Revista de Estudos Demográficos, nº 37, p.5-24. Acedido em 27/04/2011. <http://censos.ine.pt>

CARRILHO, Maria José (2004). **A situação demográfica recente em Portugal**. Revista de Estudos Demográficos, nº36, p.127-152. Acedido em 26/04/2011. <http://censos.ine.pt>

CASA DO BRASIL EM LISBOA (2007). **A 2.ª vaga da imigração brasileira para Portugal (1998-2003): estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal**. In Jorge Macísta Malheiros (org), *Imigração Brasileira em Portugal*. Coleção comunidades, 1, Lisboa: ACIDI. Acedido em 20/05/2011. <http://www.oi.acidi.gov.pt>

CHISWICK, Barry R. & HATTON, Timothy J. (2002). **International Migration and the Integration of Labor Markets**. IZA Discussion Papers 559, Institute for the Study of Labor (IZA). Acedido em 23/04/2011. <ftp://repec.iza.org>

COLEMAN, David (2010). **Recent Immigration Patterns and their Implications for Policy: An overview of recent migration to Europe**. Workshop on Population, Economics, Integration and law: Implications for Immigration Policy. Acedido em 7/3/2011. <http://migration.ucdavis.edu/rs>

COLEMAN, David (2006). **Immigration and ethnic change in low-fertility countries: A third demographic transition**. *Population and Development Review* 32(3): 401–446. Acedido em 05/03/2011. <http://www.spsw.ox.ac.uk>

COLEMAN, David and SCHERBOV, Sergei (2005). **Immigration and ethnic change in low-fertility countries: towards a new demographic transition?** Paper presented to Population Association of America Annual Meeting, Philadelphia March 31 – April 2 2005, Session 98, I April. Acedido em 05/03/2011. <http://www.spsw.ox.ac.uk>

EGREJA, Catarina e OLIVEIRA, Luísa (2008). **Imigrantes brasileiros qualificados em Portugal: que inserção?** VI Congresso Português de Sociologia. *Mundos Sociais: saberes e práticas*. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 25 a 28 de Junho de 2008. Acedido em 18/05/2011. <http://www.aps.pt>

GIDDENS, Anthony (2003). **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 3ª Edição, Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record.

IBGE (2010). **Indicadores de Desenvolvimento Sustentável**. Estudos e Pesquisas: Informação geográfica nº 7. Acedido em 09/05/2011. <http://www.ibge.gov.br>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). **Indicadores IBGE: Pesquisa Mensal de Emprego** – Março de 2011. Acedido em 09/05/2011. <http://www.ibge.gov.br>

INE - Instituto Nacional de Estatística (2011). Boletim mensal de Estatística – Março de 2011. Acedido em 09/05/2011. <http://www.ine.pt>

IOM - International Organization for Migration (2011). **The global economic crisis and migration: where do we go from here?** Acedido em 27/04/2011. <http://publications.iom.int>

IPEA (2011). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Comunicado Ipea nº 89. **Emprego e oferta qualificada de mão-de-obra no Brasil: projecções para 2011**. Acesso em 29/04/2011. <http://www.ipea.gov.br>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MALHEIROS, Jorge Macaísta (2007). **Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos**, in Jorge Macaísta Malheiros (org), *Imigração Brasileira em Portugal*. Coleção Comunidades, 1, Lisboa: ACIDI. Acedido em 20/05/2011. <http://www.oi.acidi.gov.pt>

MENDES, Maria Filomena e REGO, Conceição (2006). **Baixa fecundidade nos países do Sul da Europa: a importância das desigualdades na educação e na participação no mercado de trabalho, ao nível regional**. Estudo em elaboração no âmbito do projecto POCTI/DEM/59445/ 2004. Acedido em 19/05/2010. <http://www.cidehus.uevora.pt>

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE SOCIAL (2011). **Boletim Estatístico**. Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP) e Equipa de Estatísticas e Difusão de Indicadores (EEDI), Lisboa. Acedido em 09/05/2011. <http://www.gep.mtss.gov.pt>

NORTE, Cláudia, MORTÁGUA, Maria João, ROSA, Maria João Valente, SILVA, Pedro Duarte, SANTOS, Vanda e d'ALMEIDA, André Corrêa (coord.) (2004). **O Impacto da Imigração nas Sociedades da Europa: o caso Português**. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras do Ministério da Administração Interna. Outubro de 2004. Acedido em 27/04/2011. <http://www.sef.pt>

PEREIRA, Paulo Moreira (2010). **Percepções sobre migração transnacional e fomento do desenvolvimento**. *Revista Estudos Políticos*, Nº 1. Acedido em 11/03/2011. <http://revistaestudospoliticos.com>

PINHEIRO, Armando Castelar, GIAMBIAGI, Fabio, GOSTKORZEWICZ, Joana (1999). **O desempenho macroeconómico do Brasil nos anos 90**. BNDES, pp. 11-41. Acedido em 20/04/2011. <http://www.bndes.gov.br>

REHER, David S. (2011). **Economic and Social Implications of the Demographic Transition**. *Population and Development Review*, 37: 11–33. <http://onlinelibrary.wiley>

SEF - SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS (2009). **Retorno Assistido e Reintegração em Países Terceiros: Programas, Estratégias e Incentivos**.

SOBOTKA, Tomáš (2008). **The diverse faces of the Second Demographic Transition in Europe**. *Demographic Research*, July 2008, vol. 19, Article 8, p.171-224. Acedido em 13/12/2010. <http://www.demographic-research.org>

SÖDERLING, Ismo (2010). **Factors affecting population size in Finland – the role of immigration and population policies**. Paper presented at the IX Finn Forum Conference, Thunder Bay, Canada, May, 31th. Acedido em 21/04/2011. <http://www.migrationinstitute.fi>

VAN de KAA, Dirk. J. (2002). **“The idea of a Second Demographic Transition in industrialized countries”**. Paper presented at the Sixth Welfare Policy Seminar of the National Institute of Population and Social Security, Tokyo, Japan, 29 January 2002. Acedido em 14/02/2010. <http://www.ipss.go.jp>

WILDASIN, David E. (2008). **Public Finance in an Era of Global Demographic Change: Fertility Busts, Migration Booms, and Public Policy**. Institute for Federalism & Intergovernmental Relations (IFIR) Working Paper No. 2008-02. Acedido em 21/04/2011. <http://www.ifigr.org>